

RESENHA

Licenciado sob uma Licença Creative Commons



LACHMAN, Gary, *Jung, o místico*, São Paulo: Cultrix, 2010, 1ª reimpressão, 2015, 280 p., ISBN 150.1954092

Luiz Eduardo V. Berni
Doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo
Professor-convidado da Associação Luso-brasileira de Psicologia Transpessoal
berni@usp.br

Escrito concomitantemente à compilação de “O Livro Vermelho” lançado em 2009, *Jung, o Místico*, atualiza a biografia de C. G. Jung, incluindo importantes informações sobre este trabalho, que ficou trancafiado por longos anos num banco suíço, sendo publicado somente 48 anos após a morte de seu autor. “O Livro Vermelho” apresenta revelações contundentes sobre o mergulho místico de Jung, a partir das quais grande parte de sua obra foi composta. Isso se pode observar com clareza no capítulo “Pós-escrito: O Livro Vermelho”, da obra aqui resenhada.

Divido em oito capítulos, mais epílogo e pós-escrito, portanto em dez tópicos, a proposta de Lachman aborda os principais conceitos teóricos de Jung colocados em diálogo com sua trajetória biográfica, portanto, não se trata de uma visão meramente cronológica da vida de Jung.

O livro é iniciado como uma retomada de elementos da autobiografia do mestre em suas “Memórias, sonhos e reflexões”, onde o autor apresenta, então, toda a excentricidade do místico cujos mergulhos interiores, em muitos momentos, o fizeram distanciar-se sobremaneira da família, a ponto de uma de suas filhas, certa vez, em momento de convívio familiar afirmar que Jung, seu pai, era em sua visão infantil, na verdade, “o pai do Franz”, seu irmão, tamanho o distanciamento auto imposto, não raro recluso em seu reduto, “a Torre Bolligen”.

Apesar de sua origem modesta, seu casamento afortunado, e posteriormente sua fama internacional, possibilitaram que ele estudasse e fizesse uma psicologia refinada, inicialmente destinada às elites. Assim, a individuação, embora desejável para todos,

não é acessível para a maioria, visto requerer, muitas vezes, condições específicas para que possa aflorar, entre elas, as de cunho material que possibilitem o mergulho em si mesmo, que muitas vezes pode requerer a reclusão social.

A dualidade da personalidade de Jung, ou sua mente bicameral, é a linha condutora da análise do autor, e nos leva à percepção de como “o místico era constantemente confrontado pelo cientista”. Desta forma, sua produção é fruto da elucidação que o cientista procurou impor sobre a revelação mística, sempre permeada de elementos de paranormalidade, ou anômalos, como seria mais correto afirmar atualmente no âmbito da Psicologia, tais elementos são abordados no Capítulo 2 – “Médium Infeliz”.

Num período marcado pelo requinte do tratamento pautado na exclusão social, onde os excluídos (pacientes) eram tratados como “máquinas quebradas”, Jung e outros, dentre eles Freud, começaram a desenvolver uma proposta humanística de tratamento em Saúde Mental com foco no interesse pelo outro, elemento chave que vai embasar mais tarde a Reforma Psiquiátrica, bem como fundamentar a Contracultura nos anos 1960; tais questões são abordadas em “Intrusos da Mente”, o terceiro capítulo.

Um traço de fundo, que acompanha a linha temática desenvolvida por Lachman são as questões epistemológicas que fundamentam a obra de Jung, e que fez com que este buscasse “uma forte conexão com a terra” e, para isso, mergulhasse num diálogo com outros saberes culturais, como os indígenas, africanos e orientais. Essa perspectiva fez com que este ampliasse seu olhar sobre a energia psíquica, libido, para além da visão dos mestres da suspeita (Freud, Nietzsche e Marx). Assim, o trabalho de Jung traz contribuição que suplanta o terceiro excluído na lógica clássica, abrindo o campo da construção do conhecimento numa visão dialógica, permeada por elementos complexos, inclusivos e transdisciplinares como os da obra de Morin. Visão ainda muito questionada nos ambientes acadêmicos, que, todavia, vem ganhando cada vez mais aceitação ampliando, portanto o olhar reducionista dos mestres da suspeita.

A “função transcendente” e a “imaginação ativa”, elementos centrais da construção teórica de Jung, sendo esta última de características hipnagógicas, e destacada como ferramenta essencial em sua abordagem junguiana e que possibilitou a seu autor o mergulho místico em si mesmo. Tal qual Ariadne fez ao adentrar no labirinto tendo a segurança “do fio” para retornar à saída. Tais elementos ganham

destaque no quinto capítulo, de onde destacamos:

“A função transcendente são nossos recursos embutidos de crescimento psicológico e espiritual – só é transcendente no sentido de que transcende os frequentes impasses entre as mentes consciente e inconsciente -, sendo um desenvolvimento daquilo que Jung identificou mais cedo como tendências prospectivas do homem. (...) a imaginação ativa é um meio de estimular a função transcendente, em vez de esperar passivamente que o inconsciente faça tudo sozinho. É um meio de conscientemente entender-se com o inconsciente” (pág. 130).

Tais funções, quando estimuladas, “promovem um aumento dos fenômenos sincrônicos e paranormais” vistos sempre por Jung como manifestações do inconsciente.

Apesar de a psicologia junguiana enfatizar a individuação, ou o desenvolvimento do potencial da personalidade, Lachman destaca que esta, para Jung, não era sinônimo de isolamento ou elitização - o que pode soar como incongruente, pois o próprio Jung assim a vivenciasse - ao contrário, o papel das pessoas que alcançaram a individuação era retornar à sociedade e compartilhar com esta a boa nova. Nesta perspectiva, embora Jung fosse uma personalidade introspectiva, sua obra acabou por cumprir esse papel.

Não há dúvidas de que as ideias de Jung continuam impactantes, pois levaram muitos a compactuar junto a ele e, neste sentido, em “O Culto a Jung”, sexto capítulo, o autor traça um perfil das pessoas que dele se cercaram, principalmente das mulheres, como Emma Jung, Marie Louise Von France, entre outras, e como estas ajudaram na disseminação de seu legado, por meio de publicações e de associações que fomentaram a discussão de suas ideias.

Em “A Sombra Sabe”, sétimo capítulo, o autor aborda a semelhança da abordagem junguiana com os saberes e práticas do esoterismo ocidental, sobretudo com o gnosticismo. A “sombra” aborda, também, as aproximações e apropriações que o nazismo teria feito com sua psicologia, e os hábeis, e nada simples, esforços de Jung para afastar-se dessa ideologia.

A partir dos elementos abordados no capítulo anterior, o livro encaminha-se para o final com a apresentação da “exteriorização dos arquétipos”, oitavo capítulo, isto é, como a psicologia de Jung vai ganhando notoriedade e contribuindo para a estruturação de novos movimentos culturais e acadêmicos, como a “Nova Era” e o “Potencial

Humano”, por exemplo, com suas contribuições para a aproximação entre racionalidades, como o pensamento ocidental e oriental. Além disso, com “O Homem e seus Símbolos”, último trabalho publicado por Jung em vida, o capítulo reflete sobre seu esforço para tornar seu trabalho “mais popular”, como de fato aconteceu¹.

No epílogo, “depois de Jung”, o autor apresenta o impacto do trabalho de Jung em autores que complementaram e explicitaram suas ideias, e/ou a partir da crítica ao fundamento de seus pensamentos construíram seus trabalhos, capítulo, por sinal, importante para se divisar a penetração do pensamento de Jung na contemporaneidade.

Desta forma, o jornalista britânico Gary Lachman nos brinda com uma importante contribuição com este trabalho que reflete seriedade, atestada pela farta quantidade de “Notas” apresentadas ao final do volume, o que obriga o leitor a manter um marcador para as constantes consultas que se fazem necessárias ao longo da leitura, elemento que elucida com clareza a profundidade da pesquisa realizada para composição desta obra.

O cuidado com a produção inclui ainda um índice remissivo, ao final, que permite acessar de forma temática trechos específicos da biografia apresentada. Lachman assim, sem deixar de fora as críticas feitas ao pensamento junguiano, promove um novo olhar sobre sua obra, o que possibilita um acolhimento positivo da produção de Jung apontando, por fim, para desdobramentos que, neste sentido, ainda estão por vir e que, possivelmente serão revelados por outros autores ao se debruçarem sobre o vasto trabalho de Carl Gustav Jung.

Recebido: 20/11/2017

Received: 11/20/2017

Aprovado: 23/11/2017

Approved: 11/23/2017

¹ Cabe lembrar que em tempos relativamente recentes (2008-2015), esse livro, editado no Brasil pela Nova Fronteira, teve uma edição especial vendida em bancas de jornal a preços populares.